



Boletim Cultural Digital

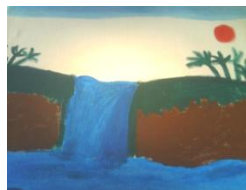
# O Marambiré

Arte – Cultura – Folclore – História – Literatura – Meio Ambiente



ANO I – NÚMERO 7 • 10 DE JULHO DE 2011 • EDITOR: LUIZ ISMAELINO VALENTE • E-MAIL: ISMAELINO@TERRA.COM.BR

## No primeiro aniversário do MCA a 1ª Oficina de Arte foi um grande sucesso



O primeiro aniversário de instalação do MCA – Museu da Cidade de Alenquer, em 10 de junho de 2011, foi comemorado com a realização da 1ª Oficina de Arte – Desenho & Pintura, uma promoção do Conselho Curador do Museu com a colaboração da Prefeitura Municipal e da Câmara Municipal de Alenquer, bem como da Loja Maçônica Fraternidade Alenquerense nº 11. O curso foi o primeiro do gênero já realizado na cidade e teve como ministrante José Luiz Corrêa, artista plástico alenquerense, um dos fundadores do Museu. José Luiz Corrêa domina com maestria o desenho, a pintura (em óleo sobre tela e aquarela) e a escultura, além de outras formas de arte. Em Belém, onde reside, fez cursos de pintura com Benedicto Mello e Ruy Meira, dentre outros, e expôs, individualmente, no Museu da UFPA e nas Galerias Portinari e Teodoro Braga, tendo participado, também, de várias exposições coletivas.



A iniciativa do MCA, que contou com a ampla divulgação das emissoras de rádio e TV de Alenquer, foi levada a efeito no templo da Loja Maçônica, à rua Dr. Pedro Vicente de Azevedo, no período de 6 a 17 de junho, e teve uma grande afluência, superando as expectativas iniciais dos organizadores, que previam apenas uma turma de 15 alunos. Em vez disso, a 1ª Oficina de Arte funcionou com duas turmas (uma, pela manhã, com 25 alunos, e outra, à tarde, com 14 alunos). Todos os participantes, que passam, doravante, a ter seus nomes ligados ao MCA, receberão o Certificado de Participação expedido pela Diretoria e pelo Conselho Curador.



Segundo José Corrêa, “o curso foi muito bem recebido pela comunidade e teve uma expressiva participação, principalmente de adolescentes. Iniciamos o curso ensinando como usar o grafite e a aquarela e terminamos com a pintura acrílica sobre tela. Claro que, pelo curto espaço de tempo disponível, não seria possível nos determos muito em cada técnica, mas eles aprenderam, inclusive, como confeccionar uma tela: do chassis à pintura final.”

Ao fim do curso foram expostos os trabalhos produzidos, com a presença de diversos pais de alunos, pessoas da comunidade, membros da Maçonaria e da imprensa. “No final da Oficina, informa, orgulhoso, José Luiz Corrêa, os alunos já queriam saber quando seria o próximo curso...” Para Corrêa, “pelos trabalhos realizados em tão pouco tempo, é de se esperar que bons frutos saiam desta semente.” (Veja, ao lado, algumas das telas produzidas na 1ª Oficina de Arte do MCA).



Em sua estada em Alenquer, José Corrêa constatou a importância do MCA para a comunidade local: “A cada dia o número de visitantes era maior. E não só no período da festividade de Santo Antônio (quando o número de visitas ultrapassou a casa dos 5.000). Quando os romeiros se foram, o museu continuou lotado de alunos e pessoas da comunidade, inclusive para doarem peças para o acervo, que continua crescendo.” (Leia mais detalhes e a relação completa dos participantes da 1ª Oficina de Arte no link do MCA no Portal **O Marambiré**).

## O boletim cultural digital O Marambiré agora tem Portal na internet

O boletim cultural digital O Marambiré foi concebido com o intuito precípua de disponibilizar à leitura as informações registradas por seu editor em décadas de pesquisas sobre a arte, a cultura, o folclore, a história, a literatura e o meio ambiente do município de Alenquer, no Estado do Pará, Amazônia, Brasil.

O boletim, de circulação mensal, começou a ser editado em janeiro de 2011 e era enviado por e-mail a uma lista de contatos. Problemas de transmissão e recepção de dados via correio eletrônico levaram à necessidade de estruturação de um site específico no qual pudessem ser armazenadas não só as edições mensais do boletim, como, também, toda a produção literária do seu editor.

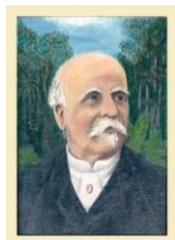
O novo Portal (no endereço [www.omarambire.com.br](http://www.omarambire.com.br)) foi lançado em 10 de junho de 2011, data que marcou o transcurso dos 130 anos da elevação de Alenquer à categoria de Cidade pela Lei nº 1.050, de 10 de junho de 1881, sancionada pelo presidente da Província do Pará Manoel Pinto de Souza Dantas Filho, e assinalou, também, o primeiro aniversário de instalação do MCA – Museu da Cidade de Alenquer. (Veja, nesta edição, matéria alusiva ao aniversário do Museu).

Com um simples “clique” nos itens do menu à esquerda do site, o leitor encontrará os capítulos do livro “Alenquer – Um sorriso de Deus feito cidade” (um

breve esboço histórico do município de Alenquer); todas as edições mensais do boletim cultural digital O Marambiré (que deu origem e nome ao novo sítio virtual); as (re)lembranças do poeta e dramaturgo lusitano Francisco Gomes de Amorim (que, na passagem da sua infância para a adolescência, viveu em Alenquer entre tapuias, cabanos, índios, negros, comerciantes e fazendeiros, e aí teve “a primeira revelação da poesia” (veja matéria abaixo); a página com notícias, reportagens e acervo artístico, cultural e histórico do MCA – Museu da Cidade de Alenquer; e, ainda, os textos, com o sabor da terra, do “Sal Alenquerense – Vultos Notáveis do Passado” (um projeto que resgata, para os contemporâneos, a memória dos grandes nomes da cultura e da história chimanga), além de outros itens da produção literária do editor, tais como artigos, contos, crônicas, poemas, etc. A maioria dos arquivos disponíveis estão gravados no formato PDF. O leitor terá que dispor, portanto, em seu computador, do programa Adobe Reader X, ou versão superior, para baixar os textos.

No período de 10 de junho a 10 de julho de 2011, o Portal O Marambiré recebeu 749 acessos, sendo mais visitada a página de contos, com 14% dos acessos, seguida da página das edições deste boletim, com 10% dos visitantes.

## (Re)descobrimos F. Gomes de Amorim (VII) – A “revelação” da poesia



Em 1840, ao completar os seus treze anos de idade, Francisco Gomes de Amorim, conforme registrou em suas memórias, já se encontrava vivendo em Alenquer, onde, diz ele, as tapuias o chamavam de “Cauçúpára Carayba Goataçara Cuapará” (que, na sua livre tradução, significa – “Querido branco

português caminhante sabedor”).

O encontro, ainda na primeira metade do século XIX, de Francisco Gomes de Amorim com a então vila de Alenquer, situada entre o Surubiú e o Curumu, e a forte e inquebrantável ligação, física e afetiva, que estabeleceu com aquela “povoaçãozinha” que nunca mais esqueceria, pois dela sempre se lembraria com “uma doce melancolia”, são por ele mesmo revelados no seu depoimento autobiográfico:

“Depois de vagar um ano pelas matas e cachoeiras do Xingu, subi o Amazonas, e fui completar meu décimo terceiro aniversário na vila de Alenquer, situada no braço do mesmo rio, entre dois grandes lagos Curumu e Surubiú. [NE: na época em que Gomes de Amorim viveu em Alenquer, julgava-se que o Surubiú era um lago; hoje se sabe que é um braço do Amazonas].

Nessa povoaçãozinha, de que não posso lembrar-me sem uma doce melancolia, encontrei um dia, em casa duma família indígena, e dentro de cesto forrado de folhas de bananeira brava, quatro ou cinco livros velhos. Um destes era o poema *Camões*, de Almeida Garrett, numa edição do Rio de Janeiro. Li-o, e a essa leitura, repetida muitas vezes depois, se devem não só os *Cantos Matutinos*, porém todos os meus modestos opúsculos.

Aquele poema transformou-me repentinamente, e sem eu saber como: principiei a ver debaixo doutro aspecto os rios, os lagos, as florestas e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas cores; que o céu e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava formas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmúrio das águas, e o gemer da brisa entre as açucenas bravas e as mimosas pudicas. As harmonias do verso vibravam na minha alma; ouvia dentro em mim outra voz que balbuciava, traduzindo as minhas sensações por meio de palavras cortadas, vagas, incoerentes, e ininteligíveis para o mundo, e que eu não sei como nem onde as aprendia! Cuidei-as inspiradas por Deus, e sei que me foram reve-

ladas por essa elegia sublime do grande poeta que já não vive” (no prefácio de *Cantos Matutinos*, 2ª edição, 1866, p. 30/31).

Eis, portanto, a grande revelação: foi em Alenquer que Francisco Gomes de Amorim se descobriu poeta. Eis a razão da bela paisagem do lago Curumu ter merecido tanto destaque na sua obra.

Muito embora tenha vivido tão pouco tempo em Alenquer, o amor do jovem lusitano pela “povoaçãozinha” que o abrigou na passagem da infância para a adolescência – portanto, onde “a criança se fez homem!”, como ele fez questão de frisar –, jamais arrefeceu.

Numa das notas a sua peça *O Cedro Vermelho*, Gomes de Amorim escancara o seu coração:

“Conservo dessa encantadora vilazinha [NE: Alenquer] gratas e acerbadas recordações. Vivi nela dois anos [NE: de 1840 a 1843] e lá me ficaram amigos excelentes, dos quais ainda vivem alguns. Foi ali que passei muitas das mais amargas horas da minha atribulada existência de criança. Naquele tempo eram demoradas e raras as comunicações com a cidade do Pará [NE: cidade do Pará era como, por essa época, chamavam Belém]. Dois portugueses, de quem eu era caixeiro, aproveitavam-se dessa circunstância para me condenarem a trabalhos brutais e muito superiores às minhas forças. Todavia, não me faltaram consolações, e confesso, com saudade e reconhecimento, que as mais suaves me vieram de corações brasileiros (...)

Mas que saudade da terra e da gente! Meus passeios melancólicos ao lago Curumu, através da floresta; minhas poéticas divagações ao cair da tarde, pelas margens do Surubiú, cobertas em parte de açucenas bravas e de baunilha; minhas noites de esplêndido luar, nos lagos... e meus quinze anos!... Quem vos vira outra vez, com todos os vossos encantos!...” (*O Cedro Vermelho*, nota 30).

Na mesma nota, aliás, Francisco Gomes de Amorim reitera a confissão que, para os alenquerenses, tem, naturalmente, um sabor sentimental, além de histórico: “Foi em Alenquer que eu tive a primeira revelação da poesia, invocando a musa saudosa da pátria; lá se abriu minha alma aos sonhos do porvir e da esperança; ali nasceram as aspirações que fizeram da criança um homem! Toda a gente da terra me conhecia e, desculpe-se a imodéstia, todos me testemunhavam afeição. Fosse porque a minha idade e a minha situação inspirassem

simpatia ou porque os filhos de Alenquer sejam naturalmente dotados de corações generosos, o certo é que todos me acolhiam com terna afabilidade.

Se estas linhas chegarem à vista de alguma das pessoas que nesse tempo conheci e que por ventura se lembre ainda do jovem desterrado de há trinta anos, aceite-as como demonstração de que nem a distância, nem a idade, nem as doenças apagarão jamais da minha memória essas suaves recordações...”

No “Adeus ao Pará”, poema do seu livro *Cantos Matutinos*, Gomes de Amorim reafirmou, mais uma vez, o fato histórico que marcaria para todo o sempre a sua obra literária:

“Ao calor deste sol que funde as almas  
Em poemas de amores delirantes,  
Aqui foi que um lampejo destes astros  
Se encarnou em meu ser, e a luz do estro  
fulgurou em minh’alma, transformando-a!

.....  
**Aqui fui poeta;** uma existência nova  
Começou para mim entre estes bosques,  
**Berço da minha musa!** Aqui se abriram  
Os olhos de minh’alma à nova aurora;  
Aqui novos afetos consolaram  
O mísero proscrito; aqui, com ânsia  
De virgem coração, amei, e amado  
Fui também como se ama nestas praias,  
Sob este céu de fogo! (...)

Decorridos 184 anos do nascimento de Gomes de Amorim; 168 anos depois que deixou as águas do Surubiú e do Curumu; próximo de se completarem, em 4 de novembro de 2011, os 120 anos de sua morte, e já se tendo passado um ano da publicação do livro *O Curumu de Alenquer na Obra de Francisco Gomes de Amorim*, de autoria do editor do boletim, em que se procurou resgatar das brumas do passado o “querido branco português caminhante sabedor” a quem Alenquer tanto ficou a dever, não há nenhuma justificativa para que as autoridades municipais ainda não tenham prestado, até agora, ao ilustre lusitano que tão apaixonadamente universalizou e imortalizou na literatura mundial as nossas paisagens e os nossos costumes, a homenagem pública que ele indiscutivelmente merece. Oxalá tamanha injustiça seja em breve reparada!

## Alenquer – Uma cidade que espera ser reconstruída

Até o final da década de 1970, Alenquer era, talvez, a mais progressista das cidades da Calha Norte do rio Amazonas. Desde então, a cidade vem experimentando um

lento e gradual processo de decadência, apesar do crescimento, aliás desordenado, de vários novos bairros que nasceram sem qualquer planejamento.

O velho trapiche municipal, em estilo mourisco, foi solapado pela força das correntezas do Surubiú. Durante muitos anos ficou desativado. Até que resolveram demoli-lo



por inteiro e construir um novo “terminal fluvial”. Outra vez, sem qualquer planejamento. Não preservaram o estilo centenário do embarcadouro. E, o que é pior, fecharam a “janela para o rio”, com a construção de um monstruoso galpão na cabeça da ponte, bem em frente à avenida Benedito Monteiro. E ainda deram sumiço no antigo trolley (parte do qual, felizmente, foi recuperado e hoje se encontra preservado no Museu da Cidade).

O novo atracadouro construído em lugar do velho trapiche é moderno, é de concreto, mas, se foi mal projetado, foi pior executado. Era uma tragédia anunciada. Tanto que, logo após a sua inauguração, foi interdito para uso público, dada a iminência de desabamento.

A enchente do Surubiú e do Curuá, em 2009, levou por água abaixo diversos exemplares da arquitetura alenquerense, como o casarão da

família Brito Teixeira, construído em 1886 pelo coronel Ramiro Caetano Duarte, o hotel do Ciro e a casa de dona Virgília Albuquerque.

Nenhum desses prédios foi recuperado até agora, assim como esperam reformas urgentíssimas os prédios do Mercado, do Grupo Escolar Fulgêncio Simões, as “torres piramidais de ardósia” da Igreja da Matriz e o estádio municipal.

A falta de planejamento presidiu igualmente a construção de uma enorme ponte de madeira sobre o rio Curuá, com cerca de 360 metros de extensão. Obra obviamente necessária para a interligação dos vários municípios da Calha Norte do rio Amazonas, pela estrada PA 254, essa ponte foi erguida, contudo, sem projeto de engenharia e sem licença dos órgãos ambientais, à custa da derrubada de milhares de metros cúbicos de madeira de lei, constituindo, assim, um verda-

deiro crime ecológico. Chegou a ser chamada de “a maior ponte de madeira do mundo”, em reportagem do Globo Amazônia. Mas não durou três anos. Na enchente de 2011, a ponte do Curuá caiu. Não resistiu às “águas bravas” do rio e nem à incúria administrativa.

Definitivamente, Alenquer é, hoje, uma cidade que espera ser urgentemente reconstruída.

O poder público poderia mirar-se no exemplo dos particulares que, com recursos inteiramente privados, restauraram antigos exemplares da arquitetura alenquerense, como a casa da família Batista, na praça da Matriz, a residência dos herdeiros de José Simões, na rua Coaracy Nunes, e, na praça da Bandeira, o casarão da família Valente, hoje pertencente ao médico Flaiury Valente. Todos esses prédios deram um novo e bonito visual a esses logradouros municipais.



Acima: o “novo” terminal fluvial, a ponte caída do Curuá e o velho Mercado, todos à espera de reconstrução/restauração pelo poder público. Abaixo: as casas das famílias Batista e Simões e do Dr. Flaiury Valente, raras e felizes iniciativas privadas que deviam ser copiadas pelo poder público. (Foto da ponte: E. Corrêa; demais fotos: LIV).

